



Zeca Pagodinho, o sambista mais querido do Brasil, gravou 'Diplomação'



Observados por Diogo Nogueira, Ivan e Mart'nália trocam carinhos

AFFONSO NUNES

A fotografia é pequenina e antiga. Mostra uma casa que não existe mais — demolida, apagada do tecido da cidade como tantas coisas no Rio de Janeiro. Era a casa de Tia Ciata, na Praça Onze, onde João da Baiana, Pixinguinha, Hilário Jovino e Sinhô se reuniam para fazer samba quando o gênero ainda engatinhava. Foi a imagem destre berço esplêndido da cultura brasileira que Ivan Lins escolheu para ilustrar a capa de seu novo disco, “Sambadouro” (Selo Sesc), já disponível nas plataformas digitais e em versão física nas Lojas Sesc.

Ivan, que completou 80 anos em 2025 e recebeu naquele mesmo ano o Prêmio à Excelência Musical do Grammy Latino, o quinto da carreira, sempre circulou pelas bordas do samba sem nele mergulhar nele de cabeça. Sua obra, marcada por harmonias sofisticadas e influências que vão da bossa nova ao jazz, dificilmente seria confundida com a de um sambista puro. Mas o samba, como ele mesmo explica, não era um terreno estranho. Era um terreno demorado. “O samba sempre conviveu comigo, e ele foi entrando devagar porque eu já vinha com outras influências”, observa Ivan. “Foi me levando a esse amor pelas nossas raízes, pelo meu próprio país. O samba me ajudou a amar mais o meu país”, explica.

“Sambadouro” reúne doze faixas que percorrem cinco décadas de criação. “Não Tem Perdão” e “Deixa Eu Dizer”, ambas de 1974, forma pinçadas de seu álbum “Modo Livre”. A inédita “Maravilhado” fecha o disco consolidando o projeto, que ainda traz belezas como “Sambadouro” (1993), “Saravá, Saravá” (2004, parceria com Martinho da Vila) e “Diplomação” (2001, com Zeca Pagodinho).

“Tô quase morrendo do coração aqui porque eu tô ouvindo a minha música de uma maneira que eu, pessoalmente, não me sentiria capaz de fazer exatamente dessa forma”, confessa Ivan, com franqueza. A emo-

O samba como destino

Recentemente laureado com o prêmio de excelência do Grammy Latino, Ivan Lins realiza um sonho antigo ao gravar um disco só de sambas

“O samba significa, para mim, uma identidade. Uma identidade cidadina, urbana no Brasil. Desde que eu me senti capaz de entender e compreender música, eu escuto samba”

IVAN LINS



O vozeirão de Péricles marca presença em 'Não Tem Perdão'



Arte sobre foto da casa de Tia Ciata ilustra a capa de 'Sambadouro'



Ferrugem faz dueto com Ivan em 'Deixa Eu Dizer'

ção tem razão de ser.

O disco, explica ele, foi concebido como criação coletiva, já que o artista entregou suas canções a

vozes emblemáticas do samba como Zeca Pagodinho, Xande de Pilares, Mart'nália, Péricles, Ferrugem e Diogo Nogueira, que assumem os

vocais em diferentes faixas, enquanto craques do ritmo como Carlinhos 7 Cordas, Paulão 7 Cordas e Rafael dos Anjos assinam os arran-

jos, e Hamilton de Holanda entra no bandolim com sua virtuosidade habitual.

Essa miríade de convidados permitiu ao compositor encarar sua obra por outros olhos. Baladas sofisticadas ganham o couro, o surdo e o cavaquinho. “Sou eu”, de 1990, chega em parceria com Mart'nália. “Porta Entreaberta”, de “Cantando Histórias” (2004), vem acompanhada de Diogo Nogueira. “Parei contigo”, do mesmo show, recebe o bandolim de Hamilton de Holanda. Cada faixa é um reencontro de Ivan com suas próprias canções e de suas canções com uma tradição tão brasileira.

“O samba significa, para mim, uma identidade. Uma identidade cidadina, urbana no Brasil. Desde que eu me senti capaz de entender e compreender música, eu escuto samba”, completa.

Com mais de cinco décadas de carreira, 46 álbuns e canções gravadas por Elis Regina, Ella Fitzgerald, Sting, Quincy Jones e Barbara Streisand, Ivan Lins poderia descansar sobre glórias passadas. Mas escolheu o samba com a coragem de um principiante.